

**TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO “LA RESUCITADA”, DE EMILIA
PARDO BAZÁNⁱ**

Sérgio Wladimir Cazé dos Santos

A tradução-ressurreição segundo Walter Benjamin

No célebre ensaio *A tarefa do tradutor* (*Die AufgabedesÜbersetzers*, de 1923), uma dentre as várias metáforas utilizadas por Walter Benjamin para abordar o ofício a que se dedicava com a recriação de obras francesas em alemão é – na tradução de Fernando Camachoⁱⁱ – a seguinte: a tarefa do tradutor literário “consiste em encontrar na língua em que se está traduzindo aquela intenção [*Intention*] por onde o eco do original pode ser ressuscitado” (2008, p. 35).

As notas e observações que compõem o presente artigo tratam de algumas decisões tradutórias tomadas durante e aplicadas ao processo de tradução do conto “La resucitada”, da escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (1851-1921). Acreditamos ser possível pensar sobre o traduzir ao apontar algumas daquelas “determinadas relações linguísticas” (BENJAMIN, 2008, p. 35) empregadas na elaboração de uma versão (dentre infinitas outras possíveis) do texto em português (“A ressuscitada”), na forma de procedimentos com os quais o tradutor espera despertar ou reproduzir a intenção – o “eco” – da obra poética original. Nesse movimento, a tradução se inscreve na dinâmica entre experiência de tradução e reflexão sobre tradução a que se refere Antoine Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007).



EMILIA PARDO BAZÁN

A possibilidade de recuperação, na língua de tradução, de uma mensagem produzida em outro idioma é considerada um dos temas linguísticos fundamentais. Roman Jakobson aponta em seu texto *Aspectos linguísticos da*

tradução para “a equivalência na diferença” como “o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Lingüística” (1975, p. 63). Assim, por envolver operações fundamentais encontráveis na base do funcionamento de toda língua, a passagem de um texto de um idioma para outro enseja um questionamento sobre a natureza da própria linguagem.

A ressurreição do “eco do original” a que Benjamin se refere em *Die AufgabedesÜbersetzeré* a direção a que se dirigem os esforços do tradutor de poesia e, por extensão, de literatura em geral:

(...) ao contrário do que acontece com a poesia original, a tradução não se encontra situada no próprio centro da floresta da língua, mas sim fora desta, e sem entrar nela a tradução invoca-a para aquele mesmo e único sítio onde o eco, através da própria ressonância da obra, pode transmitir-se a uma língua estranha. (2008, p. 35)

A tradução para Benjamin é uma “forma” (forma da linguagem, forma da cultura, forma literária) e opera, mediante a traduzibilidade do original, no “modo de representar um significado por meio de uma tentativa e através da essência embrionária da sua fatura criadora” (2011, p. 29). Para cumprir com sua tarefa, a tradução – segundo o ensaísta afirma ao concluir *A tarefa do tradutor* – deve ser exercida, alternada ou simultaneamente, com fidelidade e com liberdade: “na forma da versão interlinear a literalidade e a liberdade se têm que unir” (2008, p. 42).

Os conceitos de fidelidade e liberdade na tradução serão reavaliados e reinvestidos por Benjamin de conotações distintas das que perpassaram os dois termos ao longo dos séculos, no desenvolvimento da tradição de estudos, reflexões e tendências teóricas sobre tradução, visto que esses velhos conceitos “já não parecem ser de utilidade para uma teoria que tenha outras aspirações” além da “de reproduzir o significado” (2011, p. 37).

Benjamin recupera e relativiza a oposição milenar que marca as reflexões sobre a prática tradutória a partir de Cícero (46 a. C.) e, posteriormente, de São Jerônimo (séc. IV d. C.), o primeiro a enunciar a questão em sua totalidade: para o importante tradutor bíblico e pensador da tradução, não se deve traduzir palavra por palavra (“ao pé da letra”) e sim exprimir o sentido. Desde então, as visadas teóricas em torno da tradução se dividiriam, platonicamente, quanto ao critério da fidelidade ao original, entre o pólo da letra (ênfase na forma, no significante, no texto-fonte, na língua-fonte, na cultura-fonte, na fidelidade) e o pólo do sentido (ênfase no conteúdo, no significado, no texto-alvo, na língua-alvo, na cultura-alvo, na liberdade).

Diferentemente, para Benjamin o tradutor só poderá transmitir o sentido do original na língua da tradução se vier a romper com a rigidez da dicotomia e abrir mão da ilusão de restituí-lo com plenitude no texto traduzido, pois chegar a essa plenitude é uma tarefa impossível, visto que o sentido poético de uma obra literária é o que permanece além ou aquém do que pode ser comunicado

pela tradução, enquanto que o que pode ser transmitido é o "inessencial". Para ser bem sucedida, a tradução

tem que renunciar em grande parte ao simples propósito de comunicar algo (...) Por outro lado a sua linguagem pode e deve mesmo descorar o significado, isso para que o seu próprio *intentio* não ressoe como reprodução, mas sim como harmonia e como complemento feito à língua em que se comunica a simples reprodução, fazendo-se assim ouvir o modo particular do seu *intentio*. (BENJAMIN, 2008, p. 37)

Para aclarar sua concepção de tradução, Benjamin usa então mais uma de suas fulgurantes metáforas:

Do mesmo modo que uma tangente só toca ao de leve num único ponto da circunferência, e do mesmo modo que a lei geométrica apenas fixa e prevê este contato mas não o ponto em que ele tem de se verificar, continuando a tangente depois disso o seu caminho reto em direção ao infinito, também a tradução toca apenas ao de leve no original e somente num ponto infinitamente pequeno do seu significado, para depois, de acordo com a lei da fidelidade na liberdade do movimento da língua, continuar a seguir o seu próprio caminho. (2008, p. 40)

Assim, pode-se concluir que Benjamin propõe que a tarefa do tradutor seja definida nos termos de uma opção de equilíbrio, que redefine os conceitos de literalidade e de liberdade de forma a que eles possam ser combinados na experiência tradutória.

"La resucitada", conto de Emilia Pardo Bazán

Publicado em 1908, "La resucitada" é um dos relatos classificáveis como do gênero fantástico no conjunto dos mais de 600 contos que compõem a obra de Emilia Pardo Bazán, autora mais comumente reconhecida por sua prosa de viés realista-naturalista. Narrado em terceira pessoa, conta a história de Dorotea, mulher casada que, tendo despertado certa noite, percebe que se encontra deitada num jazigo da família, o que a leva a supor ter sido dada como morta; então ela se levanta e retorna ao casarão familiar, desejosa de reassumir seu lugar junto ao marido, os filhos e os criados; para contrariedade sua, sua reaparição provoca profundo desconforto.

Retomando a metáfora de Benjamin de que para traduzir é necessário encontrar a intenção do texto a ser traduzido, a partir da qual se poderá formular na língua para a qual se traduz "um eco do original", destacamos como ponto de partida incontornável do trabalho de traduzir a identificação e a interpretação desse "eco". Nesse momento, o tradutor é um leitor que busca interpretações cabíveis ao texto a ser traduzido. Para Heidegger, citado por

Berman: "interpretação e tradução são somente uma e única coisa" (BERMAN, 2007, p. 21). Por outro lado, importa também que, em nenhum momento de seu trabalho, o tradutor queira impor ao leitor sua interpretação do original ou outras interpretações quaisquer, o que comprometeria na tradução o caráter polissêmico de todo texto literário. É necessário que o tradutor estabeleça na leitura e na interpretação do texto vias de acesso para uma aproximação ao original e para a elaboração da tradução, mas ele não pode pretender esgotar todos os significados do original. Para Benjamin, toda tradução é provisória, enquanto que, para a visão contemporânea da tradução, nunca existe uma "transferência total de significado, porque o próprio significado do original não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre" a leitura (ARROJO, 2007, p. 23).

O contexto em que "La resucitada" foi escrito é sociedade patriarcal da Espanha da passagem do século XIX para o século XX onde viveu Emilia Pardo Bazán, num momento em que a autonomia feminina era limitada e a mulher devia submeter-se sem discussão aos ditames (morais, familiares, religiosos, etc.) em voga. Segundo aponta Maria Mirtis Caser na dissertação de doutorado *Entre o que se vê e o que se esconde*, que trata da representação da mulher em contos de Emilia Pardo Bazán, "na produção ficcional da escritora é frequente a abordagem do aspecto enigmático, indecifrável, enfim do aspecto magnético da mulher" (CASER, 2008, p. 136).

Em consulta a um dicionário onomástico disponível na internet, encontramos o nome "Doroteia" como trazendo o significado de "oferenda de Deus", dado relevante, em se tratando da história de uma mulher que acorda numa igreja dentro de um caixão de defunto. Com essa informação em vista, apresenta-se o problema de como interpretar "La resucitada". Nossa hipótese se baseia na pergunta que Doroteia faz a si mesma, em pensamento, ao se reaproximar do palácio familiar. A dúvida expressa a hesitação da mãe e esposa ao se reaproximar de seu antigo ambiente doméstico:

¿Esta casa es mi casa, enefecto?

Esta casa é minha casa mesmo?

A resposta a tal pergunta pode estar em outra voz, que também ecoa na consciência de Doroteia, ao final do conto, quando, já transtornada pela persistente rejeição do marido e dos filhos, ela tenta estabelecer contato físico com ele, lhe faz uma carícia e lê em seus olhos uma sentença de morte:

– De donde túhasvuelto no se vuelve...

– De onde você voltou não se volta...

Assim, de uma maneira que não está explícita no conto, mas que se abre à imaginação do leitor, Doroteia havia subvertido a ordem estabelecida e, ao abandonar seus papéis de esposa, mãe e dona de casa, rompera com as expectativas que a envolviam. Uma vez saída do seio familiar, ela estaria

condenada a não mais ser aceita, sendo proscrita pelo meio social e rejeitada pelo marido, e não podendo ela voltar a reocupar seu lugar.

Com base nessa interpretação inicial do conto, pudemos então proceder à etapa seguinte do trabalho de traduzir: a prática e a experiência propriamente ditas da tradução.

"A ressuscitada", conto de Emilia Pardo Bazán

A produção de uma versão em português do conto "La resucitada", de espanhola Emilia Pardo Bazán, evidencia o processo tradutório como combinação de operações linguísticas e literárias, conforme distinção proposta por Edmond Cary e descrita por Oustinoff (2011, p. 58). A tomada de decisões que envolve o traduzir, efetuada pelo leitor-intérprete-escritor personificado pelo tradutor, são resultado de um processo de substituição interlingual: "(...) o sentido de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído." (JAKOBSON, 1975).

A intervenção do leitor-tradutor se inicia, mediante leitura e interpretação do texto original, com a identificação das "unidades de sentido" – conceito proposto por Vinay e Dalbermet – que constituem a trama verbal do original e que ele deve transpor para a língua da tradução. Assim, buscamos com "A ressuscitada" elaborar um equivalente em português para "La resucitada" tendo em vista a noção de que, numa tradução, a unidade básica não é a palavra isolada, existindo, sim, "unidades de pensamento" no plano dos significados e "unidades lexicais" no plano dos significantes, unidades essas a serem identificadas e isoladas pelo tradutor no trabalho de leitura e interpretação e que são constituídas de signos unidos por tal coesão de ideias que não devem ser traduzidos separadamente (OUSTINOFF, 2011, p. 26-27). Oustinoff recomenda: "é preciso (...) ter a capacidade de dispor de várias reformulações na língua-alvo, a fim de ultrapassar o estágio da tradução termo a termo" (2011, p. 75).

Após essas considerações, passemos a alguns exemplos extraídos da nossa tradução de "La resucitada", atentando de início para as operações mais evidentemente linguísticas de que fizemos uso. De início, apresentamos um exemplo do procedimento tradutório conhecido como circunlóquio (JAKOBSON, 1975) ou clarificação "explicitante" (OUSTINOFF, 2007, p. 50), no qual há uma certa proliferação de significantes, um desdobramento lexical que visa compensar a ausência de alguma palavra ou expressão na língua para a qual se traduz. Eis o primeiro exemplo:

unmozoherrero que partía conel tercio a Flandes al díasiguiente.

um jovem ferreiro que tinha se alistado no regimento e estava de partida para Flandres no dia seguinte.

A solução foi adotada após consulta ao verbete "tercio" no Tomo III do *DiccionarioEspañol-Português*: "corpo de infantaria na antiga milicia de Hespanha e outras nações" (Lisboa, Imprensa Nacional, 1866).

Para levar a cabo a tradução do conto "La resucitada", norteou-nos a noção de que "cada tradução (por menor e mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes" (ARROJO, 2007, p. 78). Assim, observamos que o léxico de "La resucitada" apresenta-se marcado, por um lado, na enunciação do narrador, pela presença de palavras e expressões dos domínios religioso, fúnebre e aristocrático, e, por outro, nas falas dos personagens, por expressões locucionais. Após a identificação desses aspectos, foi então efetuada a busca de equivalentes em português para essas ocorrências.

No que diz respeito às expressões pertencentes ao domínio religioso, temos exemplos como "La Merced", "*NuestroSeñor de la Penitencia*" e "*función de acción de gracias*". Nossa tradução do nome popular da santa "La Merced" é um exemplo de procedimento de transposição, operação tradutória realizada sobre o significante visando o reconhecimento imediato (no presente caso, pelo leitor brasileiro) do objeto citado pelo narrador, o escapulário de NuestraSeñora de La Merced (ou de Las Mercedes):

al pecho elescapulario de laMerced.

ao peito o escapulário de Nossa Senhora das Mercês.

Quanto aos vocábulos oriundos do domínio fúnebre, temos, por exemplo, "escapulario", "sudario", "féretro", "toca funeral", todos de tradução descomplicada, tendo sido necessário, entretanto, verificar em dicionário se não se tratariam de falsos cognatos (o que não são).

No caso das palavras relacionadas com o domínio aristocrático, destacamos "patronato" e "infazón". A tradução do vocábulo "patronato" não apresentou maiores dificuldades, dado que em consulta ao *DiccionarioEspañol-Português*supracitado o encontramos no mesmo sentido em que parece ser empregado no conto "La resucitada", existindo termo equivalente em português: "direito sobre a fundação de igreja ou qualquer obra pia" (Lisboa, Imprensa Nacional, 1866). Já a tradução de "infazón" requereu novo circunlóquio, com tons de adaptação para fins de esclarecimento:

erguíasu fachada infanzonaelcaserón de Guevara,

se erguia com fidalguia a fachada do casarão de Guevara,

solução tradutória composta a partir do *Diccionario de laLenguaCastellana*, no qual consta a palavra "infanzón" aplicada a tipo de "hidalgo libre de todo género de servicio que en sus tierras y heredamientos no ejérciaotrapotestadniseñorio mas que el que lepermitian sus privilegios y

donaciones” (Academia Española, 20ª ed, 1841). Não encontramos termo equivalente a “infanzón” em português.

Outra situação com que um tradutor frequentemente se depara é a não correspondência de certas estruturas formais das duas línguas. Uma das alternativas para resolver o impasse é um trabalho de reformulação baseado no princípio da idiomaticidade, segundo o qual a tradução deve dar a impressão de ter sido escrita diretamente no idioma para o qual se traduz (estamos, portanto, no pólo do sentido, e não no da letra). Eis um exemplo disso na transposição de “La resucitada” para “A ressuscitada”:

Oía, esosí, y percibía – como se percibe entre sueños – lo que com ellahicieron al lavarla y amortajarla.

Ouvia, isso sim, e percebia – como no entressonho – que a tinham lavado e amortalhado.

Visando a formular uma construção sintática que em português soasse o mais usual possível, no trecho acima transformamos o texto de partida de modo a manter o efeito de descrição, do ponto de vista da protagonista, de como ela, mesmo adormecida, havia percebido os preparativos para o funeral de seu corpo supostamente sem vida.

Comentaremos agora algumas operações propriamente literárias que envolveram a reescrita em português de “La resucitada”. Nesse campo, destacam-se trechos de fala do escudeiro Pedralvar, “locuções ou idiomatismos”, no dizer de Paulo Rónai (p. 104), idiotismos, locuções, provérbios, no dizer de Berman (2007, p. 48), expressões de cunho popular e coloquial que, de “La resucitada” para “A ressuscitada”, passaram por um processo de modulação lexical, operação tradutória que atua sobre o significado (OUSTINOFF, 2011, p. 80-81) – para que seu sentido fosse expresso ao leitor brasileiro.

Com tal afirmação não dispensamos a advertência feita por Berman, de que as “equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituent*” (2007, p. 60). Entretanto, se em todos os momentos do trabalho de um tradutor é imperioso aceder ao desafio da tradução, em algumas ocasiões é necessário, após ponderar todas as possibilidades, tomar uma decisão tradutória menos literal:

*–¿Quién? ¿Quiénllama a estas horas, **que comido leveayo de perros?***

– Abre, Pedralvar, por tu vida... ¡Soy tu señora, soydoñaDorotea de Guevara!... ¡Abre presto!...

*– **Váyaseenhoramalael borracho...** ¡Si salgo, a fe que lo ensarto!...*

– SoydoñaDorotea... Abre... ¿No me conocesenelhabla?

– Quem é? Quem chama a estas horas, **que o diabo lhe carregue?**

– Abre, Pedralvar, por tua vida... Sou tua patroa, sou dona Doroteia de Guevara!... Abre rápido!...
– **Mas que bêbado danado...** Se eu for aí fora, à fé que o acerto!...
– Sou dona Doroteia... Abre... Não reconheces minha voz? (Grifos nossos)

Como se nota, duas falas de Pedralvar demandam atenção especial: “*que comido le vea yo de perros?*” e “*Váyase enhoramala el borracho*”. Operou-se aí uma mudança semântica, visando a preservação do tom popular escudeiro. A primeira expressão popular traduzida literalmente teria o sentido aproximado de: “que comido pelos cães se lhe veja”. Caso parecido é o da segunda expressão. Em ambos os casos, está presente o procedimento (estudado por Eugene Nida) da equivalência, que transforma o texto-fonte para reproduzir seu efeito na língua-alvo.

Em conclusão, as opções tradutórias praticadas em “A ressuscitada” descritas acima levam em conta a constatação de que toda língua “encerra uma ‘visão de mundo’ própria (*Weltansicht*)” (OUSTINOFF, 2011, p. 18-19). Dominique Wolton, citada por Oustinoff, apresenta uma motivação decisiva para a prática da adaptação tradutória de tipo sincrética, que acompanhe as dinâmicas do sentido no texto (e na língua) original e no texto (e na língua) da tradução:

Uma língua não é apenas um conjunto de palavras, é também e sobretudo uma maneira de pensar, de sonhar, de imaginar, de ver o mundo. Não fazemos as mesmas associações de ideias, as mesmas construções mentais, os mesmos raciocínios de uma língua para outra. (2011, p. 127)

Considerações finais

Cabe-nos agora explicitar o fato de que nossa estratégia de tradução durante a recriação de “La resucitada” em português carrega, em grande medida, traços da modalidade de tradução delineada por Berman como adaptação sincrética (por sinal, extremamente criticada pelo teórico francês):

(...) a adaptação toma, em geral, formas mais discretas, formas *sincréticas*, na medida em que o tradutor ora traduz ‘literalmente’ ora traduz ‘livremente’. O sincretismo é típico da tradução adaptadora, e se vale, em geral, de exigências ao mesmo tempo literárias (elegância etc.) e puramente linguísticas, em que a não-correspondência das estruturas formais das duas línguas obriga, segundo ele, todo um trabalho de reformulação” (2007, p. 36)

Numa outra possível classificação da forma como optamos por traduzir “A ressuscitada”, talvez pudéssemos dizer dessa tradução que é resultado de uma

estratégia tradutória "ecclética", tal como definido no domínio da arquitetura, como na *Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais*: "junção harmônica das excelências de seus predecessores".

A opção por essa forma de traduzir foi motivada pela noção de que a tradução tem uma função comunicativa, uma dimensão linguística e uma dimensão poética, "aspecto da pluralidade de versões de um mesmo texto" (OUSTINOFF, 2011, p. 14). Por esse motivo, "não se traduz um texto uniformemente, ainda por cima se ele não for uniforme" (2011, p. 132). Seguindo esse raciocínio, nossa tradução de "La resucitada" empregou tanto a harmonização entre fidelidade e liberdade estipulada por Benjamin quanto uma combinação de operações linguísticas e literárias tal como analisadas por Oustinoff (via Cary), alternando-se entre a ênfase à letra e a ênfase ao sentido e mantendo sempre no horizonte uma sugestão de Paulo Rónai: "a fidelidade seria uma obrigação dupla: para com o conteúdo da mensagem e para com a praxe expressiva da língua-alvo" (p. 126-127).

Para Benjamin, a ressurreição do original levada a cabo pela tradução, aponta para a existência, entre original e tradução, de uma "conexão natural, ou mesmo, num sentido mais rigoroso, como relação vital": "a tradução nasce (...) do original, procedendo (...) não tanto da vida como antes da 'sobrevivência' da obra" (2008, p. 27).

É evidente que uma tradução, por muito boa que seja, nunca consegue afetar ou mesmo ter um significado positivo para o original. Ela mantém, no entanto, com o original uma estreita conexão através da traduzibilidade. E esta conexão é tanto mais estreita e íntima por não afetar o original, podendo ser denominada como conexão natural, ou mesmo, num sentido mais rigoroso, como relação vital. (2008, p. 27)

Assim, a tradução é um fenômeno que diz respeito à própria história (à própria vida) do original, é um vínculo que necessariamente existe entre obra original e obra traduzida:

(...) nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original. Isto porque o original se modifica necessariamente na sua 'sobrevivência', nome que seria impróprio se não indicasse a metamorfose e renovação de algo com vida. Mesmo para as palavras já definitivamente sepultadas num determinado texto existe um amadurecimento póstumo. (2008, p. 30)

Confirmando a ideia de que "não existe tradução 'neutra' ou 'transparente através da qual o texto original apareceria idealmente", Oustinoff, por sua vez, contribui para um esclarecimento de qual é campo de atuação o

tradutor: "Desse ponto de vista, escrita e tradução devem ser situadas exatamente no mesmo patamar" (2011, p. 22). Assim, é como se, por meio de (suas) palavras, o tradutor vivesse novamente a vida de um outro (texto).

Recorde-se de passagem que Marina Tsvetaieva anota em carta citada por Antoine Berman que "*Nachdichten*" é um dos termos alemães em "linguagem corrente" para o que "se chama traduzir": "reabrir o caminho sobre as marcas que a mata invade no momento", no sentido de "abrir mais uma vez o mesmo caminho" que o autor do original "já abriu" (2007, p. 23). Traduzir seria refazer os passos de um outro, recuperar a ressonância de seu discurso na floresta da língua.

Ao traduzirmos uma cena particularmente impactante do conto "La resucitada", tivemos a preocupação de reconstituir em português, da maneira mais exata possível, a atmosfera lúgubre e desesperada de uma mulher vista como defunta por seu próprio marido e de dar conta do modo brusco como ela se apercebe do significado profundo do que está experimentando:

*Huboun momento en que la resucitada hizo a su esposo lícita caricia; quería saber si sería rechazada. Don Enrique se dejó abrazar pasivamente; pero en sus ojos, negros y dilatados por el horror que a pesar suyo se asomaba a las ventanas del espíritu; en aquellos ojos un tiempo galanes atrevidos y lujuriosos, **leyó Dorotea una frase** que zumbaba dentro de su cerebro, ya invadido por rachas de demencia.*

– De donde tú has vuelto no se vuelve...

Houve um momento em que a ressuscitada fez em seu marido uma carícia decente; queria saber se seria rejeitada. Dom Enrique deixou-se abraçar passivamente; mas em seus olhos, negros e dilatados pelo horror que contra sua vontade assomava às janelas de seu espírito; naqueles olhos que um dia se mostraram atrevidos e luxuriosos, Doroteia **leu uma frase** que zumbava dentro de seu cérebro, a essa altura invadido por pancadas de demência.

– De onde você voltou não se volta... (Grifos nossos)

Como podemos ver, foi após a "tradução" que Dorotea faz da expressão lida no semblante do marido (e dos gestos das pessoas à sua volta percebidos anteriormente) que ocorre a decisão da personagem de partir definitivamente, tornando-se enfim a defunta que todos esperam que ela seja. Da mesma maneira que à "ressuscitada" do conto de Emilia Pardo Bazán, cabe ao tradutor, após cumprido seu papel e concluído o trabalho de reviver por meio de suas próprias palavras a vida de um texto alheio, abandonar ao leitor o original e sua tradução e, resignadamente, recolher-se à sua tumba.

Resumo:

Apresentamos notas e observações sobre o trabalho de tradução do conto "La resucitada" (1908), da espanhola Emilia Pardo Bazán (1851-1921), enquanto, paralelamente, traçamos comentários e análises sobre a tomada de decisões que envolve o traduzir, tomando como referencial teórico textos de Arrojo (2007), Berman (2007), Oustinoff (2011), Jakobson (1975) e Benjamin (2008).

Palavras chave: Tradução. Emilia Pardo Bazán. Conto.

Resumen:

Presentamos notas y observaciones acerca de un trabajo de traducción del cuento "La resucitada" (1908), de la española Emilia Pardo Bazán (1851-1921), mientras trazamos comentarios y análisis concernientes a la toma de decisiones que involucra el traducir, teniendo como referencial teórico textos de Arrojo (2007), Berman (2007), Oustinoff (2011), Jakobson (1975) e Benjamin (2008).

Palavras chave: Traducción. Emilia Pardo Bazán. Cuento.

Referências bibliográficas:

ARROJO, Rosimary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAZÁN, Emilia Pardo. "La resucitada". Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-resucitada--0/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

CASER, Maria Mirtis. *Entre o que se vê e o que se esconde: a representação da mulher em contos de Emilia Pardo Bazán*. 2008, 306 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/mariamirtiscaserdoutorado.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

Dicionário de Nomes Próprios. Disponível em <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/doroteia>. Acesso em 21 de julho de 2013.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Verbete "Eclétismo". Disponível em http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=357. Acesso em 21 de julho de 2013.

JAKOBSON, Roman. "Aspectos lingüísticos da tradução" in: *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 63-72.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 3. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ⁱVersão de trabalho apresentado no XV Congreso Brasileño de Profesores de Español, realizado de 23 a 26 de julho de 2013, na Universidade Federal de Pernambuco.

ⁱⁱA tradução de Fernando Camacho se distingue das outras três traduções para o português do ensaio de Benjamin existentes por nela "erweckt" ter sido traduzido como "ressuscitado", ao passo que as demais (assinadas por Karlheinz Barck, Susana Kampff Lages e João Barrento) optaram por "despertado". Neste trabalho utilizamos a tradução de Camacho pela relação existente entre a escolha lexical do tradutor nesse trecho e o conto "La resucitada". As quatro traduções encontram-se reunidas no livro *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português* (Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008).